

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

HOMOFOBIA E HETEROSSEXISMO NAS ESCOLAS:

DISCUSSÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL E NO MUNDO

Marcos Roberto Vieira Garcia

Universidade federal de São Carlos -UFSCAR/Sorocaba

E-mail: mgarcia@ufscar.br

Resumo:

A discussão acerca do papel da escola no que diz respeito à sexualidade de seus alunos tem sido objeto de debate crescente nas últimas décadas. O caráter normatizador das instituições escolares tem sido apontado por estudiosos do campo de estudos do gênero e sexualidade, tanto no Brasil como em outros países, onde tem sido ressaltada a produção de masculinidades e feminilidades não-transgressivas dos catálogos identitários reconhecidos socialmente. O presente estudo visa discutir os referenciais teóricos predominantes nas pesquisas voltadas à homofobia nas escolas, em especial aqueles centrados no conceito de *bullying*. Conclui que, se por um lado este conceito contribui para a denúncia da violência contra crianças e jovens tidas como LGBT nas escolas, por outro lado é frequentemente entendido dentro de um paradigma psicológico que negligencia o quanto comportamentos associados ao *bullying* estão intrinsecamente ligados a relações sociais de poder e controle. Neste sentido, considera-se aqui indispensável a politização do debate sobre o heterossexismo que ocorre nas instituições escolares, o que implica na abordagem do fenômeno da homofobia a partir de uma perspectiva social crítica e interdisciplinar.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Palavras-chave: homofobia, bullying, cotidiano escolar, jovens LGBT

Introdução

A discussão acerca da relação estabelecida entre as práticas escolares e a sexualidade dos alunos tem sido objeto de debate crescente nas últimas décadas. Neste debate, estudiosos do campo de estudos do gênero e sexualidade, tanto no Brasil como em outros países, tem evidenciado o caráter normatizador¹ das instituições escolares. Em nosso país, alguns autores têm ressaltado o reforço das escolas à produção de masculinidades e feminilidades não-transgressivas dos catálogos identitários reconhecidos socialmente, como é o caso de Louro (1997). Tal pedagogia da sexualidade começa muitas vezes ainda na pré-escola, como mostra Souza (1998) acerca da vigilância estabelecida por professoras em relação à sexualidade infantil e de sua função de incutir nas crianças os comportamentos que elas consideram adequados.

Ao mesmo tempo em que reproduzem formas de preconceito e discriminação encontradas na sociedade mais ampla (Sanders e Burke, 1994), as escolas são vistas por alguns teóricos como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes (Altmann, 2001, 2003), o que sugere serem espaços possíveis de resistência à normatização da sexualidade. Para Junqueira (2007), uma visão crítica do papel da escola abre espaço para ações educacionais que promovam a equidade de gênero, a inclusão social e a constituição de uma cidadania para todos(as), com o combate ao sexismo e à homofobia, dentre outras formas de

¹As referências à normatização da sexualidade são aqui entendidas a partir da proposta de Foucault (1987), que situa o conceito de normalidade como uma decorrência do poder disciplinar, que surge no Ocidente a partir do final do século XVII, a partir da necessidade de transformação e aperfeiçoamento do corpo em algo dócil e útil. Ainda que não se refira especificamente, às instituições escolares, há referências em sua obra à normalização do comportamento sexual nas escolas, como, por exemplo, no caso da proibição da masturbação (Foucault, 1988)

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



opressão.

Um dos campos onde há um embate entre posições normatizadoras da sexualidade e aquelas que buscam se apropriar deste espaço para justamente questionar os códigos normativos relacionados ao gênero e a sexualidade é o da orientação sexual nas escolas, incluída em 1998 como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em nosso país. Alguns autores têm enfatizado que a simples inclusão deste tema não garante o respeito à equidade de gênero e a aceitação da diversidade de práticas e identidades sexuais. Para Ribeiro, Souza e Souza (2004) isto ocorre porque no ambiente escolar o tema 'sexualidade' é visto como dos domínios dos professores de ciências ou de educação física, sendo por isso abordado quase sempre por meio de linguagem científica, o que legitima um discurso autorizado e, portanto, verdadeiro sobre a sexualidade e coloca os discursos das crianças ou adolescentes como falsos. Esta posição é concordante com a de Altmann (2001), para quem na estrutura e organização da orientação sexual nas escolas o sexo é concebido como um 'dado da natureza', como uma necessidade básica relacionada a impulsos e desejos, sobre os quais os sujeitos precisam ser informados. Junqueira (2007) ressalta também que o discurso dos docentes sobre sexualidade nas escolas é quase sempre permeado pelas idéias de risco e ameaça (de DST/AIDS e gravidez indesejada).

Escola e homofobia

Na bibliografia internacional tem sido comum a crítica às escolas como instituições heterossexistas (Mac an Ghail, 1991; Epstein e Johnson, 1994, 1998), uma vez que nelas predomina a presunção da heterossexualidade. Em decorrência disto, adolescentes e jovens que sejam identificados e/ou se identifiquem como gays ou lésbicas são quase sempre marginalizados na sala de aula (Mac na Ghail, 1991). Por este motivo as escolas são vistas quase sempre como locais inseguros para alunos com estas características.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Alguns autores têm destacado o papel heteronormativo² do funcionamento escolar também em nosso país. Para Nardi (2006), os programas de educação sexual e reprodutiva, além de serem raros, ainda pressupõem a heterossexualidade como norma, a ponto de tudo aquilo que está ‘fora’ dela ser tratado como desviante. Para Altmann (2003) a visão dominante sobre o corpo reprodutivo nos discursos escolares contribui também para a heteronormatividade, uma vez que pressupõe a ‘naturalidade’ de um relacionamento sexual ser sempre entre pessoas de sexos diferentes. Outro elemento destacado pela autora é um evidente recorte de gênero por parte dos que ministram as aulas, que são, na maioria, mulheres.

A heteronormatividades e homofobia no cotidiano das escolas brasileiras são ressaltadas no extenso estudo coordenado por Castro, Abramovay e Silva (2004) que mostra forte rejeição à homossexualidade em todo o Brasil. A discriminação contra homossexuais na pesquisa é inclusive mais assumida do que a contra negros pelos alunos. Para Meyer e Borges (2008), a homofobia no Brasil recebe um reforço cultural na desvalorização de tudo que é feminino ou ‘coisa de mulher’. Os homens que se aproximam de um comportamento socialmente identificado como feminino são fortemente vigiados, discriminados e, certamente, sofrerão vários tipos de penalidades na escola, que envolvem, muitas vezes, violência física, como mostra o estudo de Souza (2006).

As pesquisas sobre homofobia nas escolas e a demanda da sociedade civil organizada por respostas aos efeitos danosos das discriminações e desigualdades sociais relativos às sexualidades periféricas, inclusive no âmbito escolar, levou o Governo Federal à criação, em 2004, do programa “Brasil Sem Homofobia” (Ministério da

² O conceito de heteronormatividade remete à proposta de Butler (1993) acerca da organização do sistema de gêneros nas sociedades ocidentais a partir do ela denomina “matriz heterossexual”. Tal matriz implica no entendimento da masculinidade e da feminilidade como binárias e opacionais e na concepção de que estas entidades se atraem mutuamente, uma vez que o desejo é entendido como sendo *sempre* heterossexual. Não se concebe, por exemplo, o desejo do masculino pelo masculino em uma relação homoerótica, uma vez que se presume que o desejante ou o desejado ocupem um lugar feminino.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Saúde, 2004), que tem como princípios: a) “a inclusão da perspectiva da não-discriminação por orientação sexual e de promoção dos direitos humanos de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais, nas políticas públicas e estratégias do Governo Federal”; b) “a produção de conhecimento para subsidiar a elaboração, implantação e avaliação das políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual” e c) “a reafirmação de que a defesa, a garantia e a promoção dos direitos humanos incluem o combate a todas as formas de discriminação e de violência” incluindo a homofobia (pp 11-12). Entre as ações previstas no campo da Educação pelo Programa encontram-se, dentre outros, a elaboração de “diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na implementação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e à não-discriminação por orientação sexual”; o fomento e o apoio a cursos “de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade”; a formação de “equipes multidisciplinares para avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia”; o estímulo à produção de materiais educativos (filmes, vídeos e publicações) sobre orientação sexual e superação da homofobia”, o apoio e divulgação “de materiais específicos para a formação de professores” (pp 22-3). A defesa pública do direito à livre orientação sexual, manifestada no programa citado, é sem dúvida de importância fundamental para o combate à homofobia nas escolas, embora sua implementação tenha os percalços previsíveis das intervenções verticais, de negação da “educação menor” em prol da “educação maior”³ (Gallo, 2003).

Bullying e homofobia - conceito e consequências

³ Para Gallo (2003) a “educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder”. (p. 78), enquanto a educação menor é aquela que se coloca com “um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistências às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca de ratos, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzimos um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional” (p. 78).

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Apesar do crescente interesse e o número de estudos sobre a homofobia nas escolas brasileiras, não pudemos encontrar estudos específicos aprofundados sobre as formas pelas quais esta se manifesta no cotidiano das escolas e suas consequências sobre os jovens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros). Por este motivo, recorreremos aos estudos realizados no Reino Unido, local da maior parte dos estudos disponíveis sobre o tema. Nestes, a homofobia geralmente é considerada a partir da categoria mais ampla *bullying*.

O *bullying* é definido por Olweus (1991) como a exposição de um aluno a ações negativas repetidas por parte de um ou mais estudantes, por um período considerável de tempo. Pode ser direto - sob a forma de ameaça e agressão - ou indireto - como no caso do isolamento e exclusão intencional de algumas atividades a que o aluno é submetido. Para o mesmo autor (Olweus, 1999), tal prática está também relacionada a uma desigualdade de poder, uma vez que a vítima não consegue se defender de forma adequada, por várias razões, como por estar isolada, ser menor ou fisicamente mais frágil, ou se sentir inferiorizada em relação àqueles que a perseguem. Elliot e Kilpatrick (1994) identificam efeitos danosos de curto e longo prazo que o *bullying* gera em suas vítimas. Entre os de curto prazo citam a perda de auto-estima e autoconfiança, retraimento, dificuldade de concentração, absenteísmo escolar, fobia da escola e tentativas de suicídio. Os de longo prazo incluem sentimento de culpa e vergonha, depressão, ansiedade, medo de estabelecer relações com estranhos, isolamento social e timidez exagerada.

Para Mishna et al (2007) o *bullying* homofóbico tem algumas semelhanças e diferenças com os demais tipos, como o sexista e o movido por questões étnico/raciais. Embora todos estes sejam bastante comuns nas escolas, o *bullying* homofóbico, por estar geralmente disseminado por todo o ambiente escolar, deixa poucos espaços a canais em aberto para que os alunos o possam reportar, o que o torna especialmente perigoso. Um outro fator complicador é o de que sua denúncia pode envolver em alguns casos a revelação sobre a orientação sexual do aluno, o que pode gerar uma vitimização ainda maior do mesmo. Finalmente, as consequências e a abordagem do *bullying*

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



homofóbico são agravadas pelo preconceito em relação à liberdade de orientação sexual presente nos discursos de muitas religiões, presentes também nos vários atores da instituição escolar.

Pesquisas britânicas realizadas mostram de forma inequívoca a prevalência do *bullying* homofóbico nas escolas dali. No estudo de Douglas *et al.* (1997) com professores em escolas secundárias, um quarto da amostragem reconhecia a existência de *bullying* homofóbico em suas escolas. Em outra pesquisa coordenada pelo mesmo autor (Douglas *et al.*, 1999), 82 % dos professores relataram a existência de *bullying* homofóbico verbal nas escolas que lecionavam e um quarto deles de *bullying* físico.

A extensa pesquisa conduzida por Mason e Palmer (1996) mostrou que metade das agressões físicas sofridas por jovens LGBT era feita por colegas de escola, grande parte deles dentro do estabelecimento escolar. No estudo de Trenchard e Warren (1984), 5 % dos jovens LGBT relataram problemas na escola em função de serem homossexuais. Em outra pesquisa (Mason e Palmer, 1996), 80 % dos alunos pesquisados relataram terem sido xingados e 69 % ridicularizados por professores e alunos por se identificarem como LGBT. Bridget (1994) mostrou o abuso sexual como castigo freqüente para jovens lésbicas britânicas.

As conseqüências a médio e longo prazo do *bullying* homofóbico são também estudadas por alguns autores britânicos. Frankham (1996) identificou o isolamento social e ostracismo daqueles identificados como LGBT e a forte pressão para manter uma fachada heterossexual para aqueles que não haviam sido identificados como gays, o que os levava a evitar os que eram e até mesmo se unir aos que vitimizavam os demais. Douglas *et al.* (1999) incluem em seu estudo o absenteísmo elevado e fobia da escola e tentativas de suicídio como conseqüências desta modalidade de *bullying*.

O combate ao *bullying* homofóbico no Reino Unido tem sido objeto de preocupação governamental, como mostra o extenso manual de prevenção a esta modalidade de *bullying* feito pelo Department for Children, Schools and Families britânico (DCSF, 2007). A dificuldade de combatê-lo é objeto de debate por parte de

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



vários estudos naquela sociedade. Em estudo de Douglas *et al* (1997) embora 99 % dos professores de escolas de ensino médio refiram a existência de combate ao *bullying* em geral em suas escolas (99 %), pouquíssimos destes (6 %) faziam referência específica à homofobia. Os principais motivos apontados por eles para esta carência eram as preocupações relacionadas à desaprovação dos pais e a falta de experiência do corpo docente em lidar com esta questão. Para Nayak and Kehily (1997), as práticas homofóbicas são consideradas como naturais e necessárias no desenvolvimento vital de jovens do sexo masculino por muitos professores. No estudo de Mac an Ghail (1994), embora os professores analisados geralmente não se engajassem em *bullying* homofóbico físico, verbal ou emocional diretamente, eles ridicularizavam alunos que mostravam comportamentos considerados inapropriados para seu sexo e não eram suportivos quando alguma ajuda lhes era solicitada.

Limites do conceito de bullying nos estudos sobre homofobia

A utilização do conceito de bullying como base para a discussão da homofobia no ambiente escolar tem como uma de suas vantagens de chamar a atenção para a intensidade com que as diversas modalidades de violência homofóbica são exercidas neste contexto. Permite também relacionar esta modalidade de violência com outras também estudadas a partir deste conceito, como as motivadas por razões étnicas ou religiosas. O recurso ao conceito de bullying, porém, traz algumas limitações que devem ser levadas em consideração. Uma delas refere-se ao fato de muitos estudos que se utilizam deste referencial terem sido conduzidos dentro de um paradigma psicológico que concentra sua análise nas motivações individuais e grupais para o exercício da violência no contexto escolar, negligenciando o quanto os comportamentos associados ao *bullying* estão intrinsecamente ligados a relações sociais de poder e controle, como mostram Smith e Sharpe (1994), e envolvem sempre um abuso de poder interpessoal (Duncan, 1999). É importante, portanto, como propõe Mac an Ghail (1994), superar a conceito tradicional de bullying, a partir da politização da violência sexual e racial que

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ocorre no nível micro-cultural da sala de aula, o que significa um enfoque a partir de uma perspectiva social crítica e interdisciplinar.

O estudo e o combate à homofobia nas escolas pressupõe, portanto, uma visão crítica que foca não somente o ambiente escolar e seu cotidiano, mas as relações de poder que atravessam os campos do gênero e sexualidade e sua articulação com outras formas de dominação, como aquelas relacionadas à classe, raça/etnia e idade. No caso do ambiente escolar, pesquisas em diferentes países examinam a escola como um lugar-chave para a produção de masculinidades, feminilidades e sexualidades socialmente sancionadas. Nos estudos de Mac an Ghail (1994), Kehily and Nayak (1997); Kenway and Fitzclarence (1997) e Duncan (1999), as formas de violência e assédio baseadas no gênero e na orientação sexual são evidenciadas como tendo uma função importante na produção de uma masculinidade hegemônica heterossexual, enraizada em um contexto social mais amplo e que se manifesta nas escolas

Um bom exemplo da possibilidade de articulação entre a produção da masculinidade hegemônica e a homofobia nas escolas é o estudo de Renold (2002) com crianças do ensino fundamental em escolas britânicas. A autora mostra como as noções associadas à heterossexualidade que influenciam as atividades e relacionamentos dos alunos moldam também sua identidade, uma vez que, para serem considerados “normais”, meninos e meninas devem construir um ‘self’ heterossexual. A produção da masculinidade hegemônica, para ela, se dá por meio do direcionamento, por parte dos meninos, de discursos e práticas misóginas direcionados às meninas e homofóbicas direcionadas aos outros meninos, o que envolve a constante estigmatização dos meninos que não se adequam ao padrão de heterossexualidade esperado como “gays”. Hinson (1996), de forma semelhante, observa o heterossexismo⁴ utilizado contra crianças e jovens com comportamento que entram em conflito com as práticas hegemônicas, ou seja, aqueles que expressam sua masculinidade ou feminilidade de formas não

⁴ Alguns autores têm chamado de ‘heterossexismo’ às práticas e discursos que buscam afirmar a heterossexualidade como superior a outras orientações sexuais, como as homo, bi ou transexuais (Van de Ven, 1996).

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



tradicionais, ainda que não se identifiquem ou sejam identificados claramente como LGBT.

Com relação à realidade brasileira, os estudos realizados na última década e expostos anteriormente evidenciam uma preocupação crescente com o tema da homofobia nas escolas e sua prevenção. As intervenções para combatê-la, todavia, mostram o ambiente da escola atravessado pela heteronormatividade presente em nossa sociedade, sugerindo a necessidade de estratégias de enfrentamento que ultrapassem o foco exclusivo no ambiente escolar. O estudo Meyer e Borges (2008), feito a partir de um curso de capacitação de professores para o combate da homofobia no Rio Grande do Sul, aponta de forma clara neste sentido. Nesta pesquisa, a maioria dos professores relatou grande dificuldade em tratar o assunto em sala de aula, especialmente pelas reações de discriminação e violência às vezes incontroláveis por parte de seus alunos. De um modo geral, os entrevistados queixaram-se da falta de material didático para abordar o tema da sexualidade de forma transversal, mas também de sua própria falta de preparo para tratar a sexualidade em suas salas de aula, pela ausência desse tema em suas formações enquanto professoras. Os depoimentos mostraram também o receio de que abordar o tema da diversidade sexual sirva de estímulo e contage uma sexualidade não normativa. Alguns professores relataram a desconfiança que pairou sobre eles a partir de seu interesse pelo curso e nos momentos em que tentavam dar um retorno aos colegas sobre a formação, como se o próprio fato de participar da formação fosse um sinal de uma conduta sexual reprovável ou imoral. O simples fato de fazer o curso pareceu colocar em xeque sua heterossexualidade e até torná-los vítimas de situações de homofobia. Para as autoras do estudo, em geral “os/as professores/as não querem ver a diversidade sexual e a escola não quer se responsabilizar para que não seja preciso intervir e, assim, não seja preciso arcar com o ônus de acolher a discussão sobre a discriminação sexual e a homofobia”.

Conclusão

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



O interesse recente pelo tema da homofobia nas escolas brasileiras traz a tona à escolha dos referenciais teóricos a serem utilizados para as análises e intervenções com vistas a reduzir sua intensidade e minimizar seus efeitos. A utilização do conceito de bullying homofóbico contribuiu, no Brasil e em outros países, para evidenciar a homofobia nas escolas e seus efeitos sobre suas vítimas, que incluem perda de autoestima e autoconfiança, retraimento, dificuldade de concentração, absenteísmo escolar, fobia da escola, sentimentos de culpa e vergonha, depressão, ansiedade, medo de estabelecer relações com estranhos, levando em alguns casos a tentativas de suicídio. No entanto, alguns estudos mostram a necessidade de relacionar as formas de violência homofóbica existentes no cotidiano escolar com os desenvolvimentos teóricos do campo de estudos de gênero e sexualidade, em especial as contribuições do feminismo pós-estruturalista e da queer theory, como forma de aprofundar a compreensão deste fenômeno, a partir de suas relações com a produção de masculinidades e feminilidade hegemônicas presentes. A homofobia, assume, a partir desta perspectiva e muitas vezes de forma explícita, uma função disciplinar sobre os corpos e subjetividades . Sendo assim, seu enfrentamento requer uma atenção que vá além do microcosmo da sala de aula e da escola, implicando em um questionamento das formas de dominação associadas ao gênero e à sexualidade que atravessam as sociedades ocidentais em geral e a brasileira em particular.

Referências bibliográficas

ALTMANN, H. (2001). Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-587

ALTMANN H. (2003). Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas SP, n. 21, p. 281-315.

BRIDGET J. (1994). *LYSIS Report*, Lancashire: Lesbian Information Service

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



BUTLER J. (1993). *Bodies that Matter: on the discursive limits of 'sex'*. New York & London, Routledge,.

CASTRO, MG; Abramovay, M; Silva, LB. *Juventudes e sexualidade*. Brasília, UNESCO, 2004.

DCSF (2007). Safe to Learn: Embedding Anti-Bullying Work in Schools - Preventing and Responding to Homophobic bullying in schools Disponível na Internet .
<http://publications.teachernet.gov.uk/eOrderingDownload/HOMOPHOBIC%20BULLYING.pdf> [10 jun 2009]

DOUGLAS, N. et al (1997) *Playing it Safe: Responses of Secondary School Teachers to Lesbian, Gay and Bisexual Pupils, Bullying, HIV and AIDS Education and Section 28*, London: University of London, Institute of Education.

DOUGLAS, N., Warwick, I., Kemp, S., Whitty, G. and Aggleton, P. (1999). Homophobic bullying in secondary schools in England and Wales - teachers' experiences. *Health Education*, March, 53–60.

DUNCAN, N. (1999) *Sexual Bullying: Gender Conflict and Pupil Culture in Secondary Schools*.. London: Routledge.

ELLIOT, M. and Kilpatrick, J. (1994). *How to Stop Bullying*. A KIDSCAPE Guide to Training. London: KIDSCAPE.

EPSTEIN D. and Johnson, R. (1994). On the straight and narrow: the heterosexual presumption, homophobias and schools. In Epstein, D. (Ed.). *Challenging Lesbian and Gay Inequalities in Education*. Buckingham: Open University Press.

EPSTEIN, D. and Johnson, R. (1998). *Schooling Sexualities*. Buckingham: Open University Press.

FOUCAULT, Michel, (1987). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel (1988). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. RJ: Graal, 1988.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



FRANKHAM, J. (1996). *Young Gay Men and HIV Infection*, AVERT, Horsham.

GALLO, S. (2003). *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte, Autêntica.

JUNQUEIRA, R. (2007) O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*, 3., 2007. Anais. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2007.

KEHILY, M.J. and Nayak, A (1996) 'Playing it Straight: Masculinities, Homophobias and Schooling', *Journal of Gender Studies* 5(2): 211–29.

KENWAY, J. and Fitzclarence, L (1997) 'Masculinity, Violence and Schooling: Challenging Poisonous Pedagogies', *Gender and Education* 9(1): 117–33.

LOURO, GL. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MAC AN GHAILL, M. (1991). Schooling, sexuality and male power: towards an emancipatory curriculum. *Gender and Education*, 3, 291–309.

MAC AN GHAILL, M. (1994) *The Making of Men: Masculinities, Sexualities and Schooling*, Buckingham: Open University Press.

MASON, A. and Palmer, A. (1996) *Queer Bashing: A National Survey of Hate Crimes Against Lesbians and Gay Men*, London, Stonewall.

MEYER, ZM e Borges, DE (2008). Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, RJ, v. 16, n. 58, p. 59-76.

MINISTERIO DA SAUDE (2004). *Brasil sem Homofobia* - programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF. Disponível na Internet: http://www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3.pdf [10 jun 2009]

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



MISHNA, F; Newman, PA; Daley, A and Solomon, S. (2007) Bullying of Lesbian and Gay Youth: A Qualitative Investigation. *The British Journal of Social Work* 1-17

NARDI, H. C. (2006) Youth subjectivity and sexuality in the Brazilian cultural and educational context. *Journal of Gay and Lesbian Issues in Education*, Binghamton, NY, v. 2, n. 2/3, p. 127-133..

NAYAK, A. and Kehily, M.J. (1996), “Playing it straight: masculinities, homophobias and schooling”, *Journal of Gender Studies*, Vol. 5 No. 2, pp. 211-30.

OLWEUS, D., (1991). Bully/Victim Problems Among School Children: Some Basic Facts and Effects of a Schoolbased Intervention Program. In Pepler, D. and Rubin, K. (Eds.) *The Development and Treatment of Childhood Aggression*, (pp. 411–438). Hillsdale, NJ: Earlbaum.

OLWEUS, D. (1999). Sweden. In Smith, P.K., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D.

CATALANO, R., & Slee, P. (1999) (Eds). *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective*. London & New York: Routledge, pp. 7–27.

RENOLD, E (2002) Presumed Innocence.(Hetero)sexual, heterosexist and homophobic harassment among primary school girls and boys. *Childhood* 9; 415

RIBEIRO, P. R. C.; Souza, N. G. S.; Souza, D. O. (2004) Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 109-129.

RIVERS, I. (1996). The victimisation of gay teenagers in schools: homophobia in education. *Pastoral Care*, March, 35–41.

SANDERS, S.A.L. and Burke, H. (1994), “Are you a lesbian, Miss?”, in Epstein, D. (Ed.), *Challenging Lesbian and Gay Inequalities in Education*, Open University Press, Buckingham, pp. 65-77.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



SMITH, P. and Sharp, S. (eds) (1994) *School Bullying: Insights and Perspectives*. London: Routledge.

SOUZA, J. F. (1998) Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: Meyer, D. (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação.

SOUZA, J. F. Homofobia e construção das masculinidades na infância. *Arquipélago*, Porto Alegre, v. 1, n. 7, p. 36-38, out. 2006.

TRENCHARD L. and Warren, H. (1984) *Something To Tell You*, London Gay Teenage Group, London.

VAN DE VEN, P. (1996) 'Combating Heterosexism in Schools: Beyond Short Courses', in L. Laskey and C. Beavis (eds) *Schooling and Sexualities*, pp. 187–201. Deakin: Deakin Centre for Education and Change, Deakin University.